

Denise Pereira
(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3



Denise Pereira

(Organizadora)

Campos de Saberes da História da Educação no Brasil 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C198	Campos de saberes da história da educação no Brasil 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-456-6 DOI 10.22533/at.ed.566190507 1. Educação – Brasil – História. I. Pereira, Denise. II. Série. CDD 370
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O estudo da História da Educação sempre será muito importante para ajudar a compreender o modelo educacional que possuímos hoje, entender os possíveis erros que ocorreram de forma que possamos preveni-los e evitá-los.

Para se compreender o presente e planejar o futuro é necessário entender o passado, que neste caso é a História da Educação.

Tudo é história e tudo tem história. No processo educacional isso é ainda mais presente.

Os pesquisadores tem se interessado em compreender as ações de educação contidas na sociedade com suas diversas formas e esferas de intervenção.

Outros estudos vão de encontro com o sentido de captar as especificidades da formação e do desenvolvimento institucional observando como este modelo se articula se ao processo da construção da identidade brasileira.

Deste modo, a Editora Atena, realiza uma edição, dirigida especialmente a quem deseja compreender os diversos Campos dos Saberes da História da Educação no Brasil, acolhe neste e-book a proposta de responder no meio de tantas questões que surgem do debate de compreender a educação no Brasil.

Aqui, os diversos autores investigam as questões diversas destes campos dos saberes, tais como: a arte, a cultura, a história, novas metodologias, identidade brasileira, políticas educacionais, entre outras.

Espero que essas leituras possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
MEMÓRIA EM PAUL RICOUER: MÚSICA CAIPIRA E IDENTIDADE CULTURAL DO HOMEM DO CAMPO	
Angela Maria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5661905071	
CAPÍTULO 2	12
O DIREITO AO SUFRÁGIO FEMININO NO BRASIL E NA ARGENTINA: NOTAS SOBRE DISCURSOS E LUTAS FEMINISTAS	
Adriana do Carmo Figueiredo	
DOI 10.22533/at.ed.5661905072	
CAPÍTULO 3	23
O PRINCÍPIO DA CARIDADE NO DISCURSO INSTITUCIONAL DAS IRMÃS DE SÃO VICENTE DE PAULO	
Melina Teixeira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5661905073	
CAPÍTULO 4	33
OS INOCENTES ÀS PORTAS: ANÁLISE SOCIAL DAS CRIANÇAS EXPOSTAS EM OUTRO PRETO, SÉCULO XIX	
Melissa Lujambio Alves	
DOI 10.22533/at.ed.5661905074	
CAPÍTULO 5	45
PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E TEORIA CRÍTICA: CONTRIBUIÇÕES E LIMITES DE UMA APROXIMAÇÃO TEÓRICA PARA A DISCUSSÃO DA FORMAÇÃO HUMANA	
Thiago Xavier de Abreu	
DOI 10.22533/at.ed.5661905075	
CAPÍTULO 6	60
“PARA TODOS OS LAVRADENSES, MEU ÚLTIMO ABRAÇO E MEU ADEUS”: HISTÓRIAS DE VIDA DA PROFESSORA MARIA ELENITA (1944-1984)	
Maria Aline Souza Guedes	
Valdenira Meneses Andrade Perone	
DOI 10.22533/at.ed.5661905076	
CAPÍTULO 7	72
ESPORTE PARA O DESENVOLVIMENTO E A PAZ: LEITURAS A PARTIR DA TEORIA DOS PROCESSOS SOCIAIS DE NORBERT ELIAS	
Nadyne Venturini Trindade	
Bárbara Schausteck de Almeida	
Wanderley Marchi Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.5661905077	

CAPÍTULO 8 83

O ENSINO DA MATEMÁTICA NA EFA JACYRA DE PAULA MINIGUITE: POSSÍVEIS APROXIMAÇÕES ENTRE PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA E PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Wéster Francisco de Almeida
Débora Villetti Zuck

DOI 10.22533/at.ed.5661905078

CAPÍTULO 9 100

EJA, INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA INSPIRADAS NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Jaqueline Ventura
Keilla Gomes Giron
Dayana Gomes
Daniel Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.5661905079

CAPÍTULO 10 113

CÓDIGO DE MENORES E A EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE SEU DISCURSO E SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS (1927 – 1979)*

Rodrigo Teófilo da Silva Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050710

CAPÍTULO 11 123

PERFORMANCE: PRESERVAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E REGISTRO

Joseane Alves Ferreira
Jane Aparecida Marques

DOI 10.22533/at.ed.56619050711

CAPÍTULO 12 135

REFLEXÕES DA DANÇA À LUZ DOS QUADROS SOCIAIS DA MEMÓRIA

Isis Conrado Haun
Cláudio Eduardo Félix dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.56619050712

CAPÍTULO 13 146

RELAÇÕES ENTRE DIVERSÃO E LOUCURA: ESTUDO DA INTERNAÇÃO NO HOSPITAL COLÔNIA DE BARBACENA, 1934 A 1946

Marcelle Rodrigues Silva
Maria Cristina Rosa

DOI 10.22533/at.ed.56619050713

CAPÍTULO 14 154

REPRESENTAÇÕES DAS AMÉRICAS NO PERIÓDICO “O UNIVERSAL”, 1825-1842

João Eduardo Jardim Filho

DOI 10.22533/at.ed.56619050714

CAPÍTULO 15 164

DIOGO GOMES E OS PORTUGUESES NOS NEGÓCIOS DO SENEGAL E GAMBIA NO SÉCULO XV

André Felipe De Souza Menezes

DOI 10.22533/at.ed.56619050715

CAPÍTULO 16	171
TRAÇOS DA CIDADE: RELEITURA DOS REGISTROS DE DEBRET NO RIO DE JANEIRO	
Bruno Willian Brandão Domingues	
DOI 10.22533/at.ed.56619050716	
CAPÍTULO 17	183
CIVILIZAR O CORPO AS MODAS E AS MODISTAS NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX	
Mariana de Paula Cintra	
DOI 10.22533/at.ed.56619050717	
CAPÍTULO 18	192
A MIGRAÇÃO INTERNA NO BRASIL E COMO LIDAMOS COM SUA MEMÓRIA: DIFERENTES OLHARES ENTRE QUEM MIGRA E QUEM PERMANECE EM UM ESTUDO DE CASO SOBRE A CIDADE DE RESENDE COSTA-MG	
Eduardo Filipe de Resende	
DOI 10.22533/at.ed.56619050718	
CAPÍTULO 19	200
UM EXERCÍCIO À GUIA DE REFLEXÃO TEÓRICA: DIFERENTES INTERPRETAÇÕES ACERCA DO POPULISMO NO BRASIL E SOBRE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA	
Patrícia Costa de Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.56619050719	
CAPÍTULO 20	212
UMA SÍNTESE DO PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEDICINA NO BRASIL: SEUS ATORES E SUAS PRÁTICAS	
Cássia Regina da Silva Rodrigues de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.56619050720	
CAPÍTULO 21	221
VESTÍGIOS DO PASSADO NAS PÁGINAS DOS IMPRESSOS JORNALÍSTICOS	
Simone Bezerril Guedes Cardozo	
DOI 10.22533/at.ed.56619050721	
CAPÍTULO 22	229
REFLEXÕES ACERCA DO MITO DE SÃO TIAGO: HAGIOGRAFIA E OS MILAGRES DO <i>LIBER SANCTI JACOBI</i>	
Cristiane Sousa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.56619050722	
CAPÍTULO 23	244
O CARNAVAL NO CENTRO HISTÓRICO DE BELÉM - PA: ASPECTOS ESTRUTURAIS E ORGANIZACIONAIS	
Carlindo Silva Raiol	
Jeanny Marcelly Barreto Bentes	
DOI 10.22533/at.ed.56619050723	

CAPÍTULO 24 253

O ENSINO DE HISTÓRIA NA MODALIDADE A DISTÂNCIA E SUA INTERAÇÃO COM AS NOVAS
TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NDTIC)

Otiliana Farias Martins
Maria Zilah Sales de Albuquerque
Carlos Alberto dos Santos Bezerra
André Magalhães Boyadjian

DOI 10.22533/at.ed.56619050724

SOBRE A ORGANIZADORA..... 264

EJA, INTERDISCIPLINARIDADE E FORMAÇÃO DOCENTE: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EJA INSPIRADAS NA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA

Jaqueline Ventura

Universidade Federal Fluminense – Faculdade de Educação
Niterói – Rio de Janeiro

Keilla Gomes Giron

Universidade Federal Fluminense – Departamento de História
Niterói – Rio de Janeiro

Dayana Gomes

Universidade Federal Fluminense – Departamento de História
Niterói – Rio de Janeiro

Daniel Ferreira

Universidade Federal Fluminense – Departamento de Geografia
Niterói – Rio de Janeiro

RESUMO: Em cursos de licenciatura, há o reconhecimento formal quanto ao direito à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a uma formação docente específica, entretanto, é evidente a diminuta discussão sobre essa modalidade na maioria desses cursos. O presente artigo tem por objetivo apresentar e refletir sobre a experiência de formação docente para a EJA, situada no âmbito do Programa institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, nas áreas de História e Geografia. O projeto interdisciplinar foi realizado

no Colégio Estadual Guilherme Briggs, em Niterói, para turmas de Educação de Jovens Adultos de nível médio, no período de 2014-2015. Tendo por base a interdisciplinaridade – pensando o trabalho como princípio educativo – e as contribuições da pedagogia histórico-crítica, o relato discute as possibilidades de uma prática interdisciplinar na escola pública, através do desenvolvimento de ações que respeitem as características próprias do educando trabalhador. E salienta a importância da reflexão sobre as dificuldades encontradas para a formação docente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Interdisciplinaridade; Formação Docente.

YOUTH AND ADULT EDUCATION (YAE), INTERDISCIPLINARITY AND TEACHER TRAINING: REFLECTIONS ABOUT PEDAGOGICAL PRACTICES IN YAE INSPIRED BY HISTORICAL-CRITICAL PEDAGOGY

ABSTRACT: In licentiate degree courses, there is a formal recognition of the right to Youth and Adult Education (YAE) and a specific teacher training, however, it is evident the scanty discussion about this modality in the majority of these courses. The present article aims to present and reflect about the experience of teacher training to YAE, situated in the scope of

the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarship from the School of Education of Fluminense Federal University, in History and Geography areas. The interdisciplinary project was carried out at Guilherme Briggs State School, in Niterói, for High School Youth and Adult Education Classes, in 2014-2015. Based on interdisciplinarity – thinking work as an educational principle – and the contributions of historical-critical pedagogy, this report discusses the possibilities of an interdisciplinary practice in public school, through the development of actions that respect the personal characteristics of the working student. And it highlights the importance of the reflection about the difficulties found in teacher training.

KEYWORDS: Youth and Adult Education; Interdisciplinarity; Teacher Training.

1 | INTRODUÇÃO

Embora haja o reconhecimento, na legislação e na literatura, das particularidades da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e da necessidade de uma Formação de Professores que considere as características próprias dessa modalidade da educação básica, vários estudos apontam o silêncio existente nos cursos de licenciatura em relação à EJA.

Desse modo, apesar da complexidade dessa área e da luta pelo direito à EJA, pouco ou nada se discute nos cursos de formação de professores, especialmente nas licenciaturas, sobre a possibilidade de se desenvolver uma atividade docente com trabalhadores jovens e adultos que estudam (DI PIERRO, 2010; VENTURA; BOMFIM, 2015, entre outros).

Fica nítida, portanto, a necessidade de ações comprometidas com o desenvolvimento de uma formação que prepare o futuro docente, ou mesmo os professores já habilitados, para o trabalho na Educação de Jovens e Adultos, levando em conta as suas complexidades.

Esta é a intenção do projeto Interdisciplinar “Formação de Docentes para a Educação de Jovens e Adultos”, um trabalho coletivo, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que envolve atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Nesse projeto, estudantes de licenciatura de História e Geografia atuaram com bolsa de iniciação à docência em turmas de EJA de um colégio da rede pública do estado do Rio de Janeiro, compartilhando com professores e estudantes o esforço de realizar práticas pedagógicas interdisciplinares na EJA, inspiradas na pedagogia histórico-crítica (SAVIANI, 1997, 1994).

Este artigo sistematiza essa experiência de formação doscente para atuar nessa modalidade, em uma perspectiva de reflexão interdisciplinar para compreensão dos processos sociais e educacionais. E é fruto desse trabalho coletivo, que contou com uma equipe composta por uma coordenadora e dez licenciandos da Universidade

Federal Fluminense (UFF) e pelos professores de História e Geografia da rede pública estadual de educação do Rio de Janeiro, além da professora da sala de leitura e da coordenação do colégio.

A experiência se mostrou muito enriquecedora em múltiplos aspectos, dentre eles, pela vivência da docência como ação concomitante de ensinar e estudar, pela organização dos conteúdos intencionalmente vinculados às questões sociais, políticas, históricas e culturais, bem como pelo trabalho regular com os professores da Educação Básica que atuam na EJA na rede pública. O que tem permitido o desenvolvimento de ricas experiências entre professores e futuros professores, entre espaços escolares e acadêmicos.

Com atividades pedagógicas pautadas na interdisciplinaridade, baseada no trabalho como princípio educativo e nas contribuições da pedagogia histórico-crítica, o relato da experiência desse projeto discute as possibilidades de uma prática interdisciplinar na escola pública que compreenda o lugar sócio-histórico ocupado pelo estudante da EJA e possibilite a necessária “tomada de consciência sobre seu efetivo lugar no mundo social” (MENDONÇA, 2004, p. 10).

É fundamental compreender que a interdisciplinaridade não é a soma ou a justaposição de disciplinas, mas a busca por articulações que auxiliem no desenvolvimento de uma compreensão dos fenômenos e objetos de estudo na totalidade social que os constitui, ou seja, concebendo-os como resultado da produção social do ser humano em determinado contexto, em múltiplas relações e em complexos processos sociais (CIAVATTA, 2015).

E quando essa busca de articulações se baseia no trabalho como princípio educativo, as contradições das relações sociais de produção e o caráter histórico do processo de elaboração do conhecimento se revelam, permitindo ao estudante-trabalhador, reconhecer-se como sujeito histórico.

Para a assimilação do trabalho como princípio educativo, é preciso destacar que o trabalho diz respeito, especificamente, aos seres humanos. Assim, “Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza” (MARX, 1980, p. 202).

Esse processo de produção da existência humana é concomitante à ação de construção de saberes decorrentes dessas experiências. Referimo-nos à categoria trabalho enquanto produção da existência do homem, independentemente das formas de sociedade, ou seja, como necessidade social-ontológica de mediação entre homem e natureza, satisfazendo as exigências do processo de produção e reprodução das condições de sua existência (MARX, 1980).

O trabalho como princípio educativo envolve um princípio ético-político, que parte de uma condição ontológica a fim de educar jovens e adultos trabalhadores para uma leitura crítica do mundo e para que eles construam a sua própria emancipação.

Para o nosso planejamento, consideramos a legislação que vincula ao conteúdo

o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena – lei nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008), bem como consideramos as sugestões de organização didática e de plano de unidade de Gasparin (2002). Nelas, há a preocupação de problematizar os conteúdos que compõem o Programa Nova EJA (NEJA) e o currículo mínimo proposto pela Secretaria de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC/RJ), articulando-os com os textos que estudamos, especialmente aqueles que dizem respeito à pedagogia histórico-crítica.

Essa pedagogia evidencia um método diferenciado de trabalho pedagógico, que parte da prática social de estudantes e professores e a problematiza, oferecendo novos instrumentos para a análise e a formulação de uma nova síntese, para logo em seguida retornar à prática social com um olhar renovado.

Essas fases constituem o processo de construção do conhecimento nessa pedagogia, que é histórica, por entender que a educação é um dos fatores que interferem na sociedade e pode, por isso, contribuir para a sua transformação; e é crítica, por também saber da determinação que é exercida pela sociedade sobre a educação (GASPARIN; PETENUCCI, 1984).

Nesse sentido, a luta por uma educação contra-hegemônica que vise ao reconhecimento do outro e ao diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais, de maneira igualitária e não hierárquica, é essencial para se desconstruir referenciais balizadores e preconceituosos e para avançarmos na educação, tendo como horizonte a emancipação humana (MARX, 1980).

Coerentes com esse referencial teórico, percebemos a EJA como um campo de concepções em disputa (VENTURA, 2011), um campo marcado pelas contradições e correlações de força que atravessam a injusta sociedade brasileira.

2 | O COLÉGIO EM SEU CONTEXTO SOCIOESPACIAL

As reuniões do grupo ocorreram semanalmente, alternando entre o colégio e a Faculdade de Educação da UFF, servindo tanto para o planejamento coletivo quanto para estudos e debates da equipe.

O Colégio Estadual Guilherme Briggs (CEGUIB), inaugurado em 1914, é uma instituição de ensino centenária que oferece o segundo segmento do ensino fundamental e o ensino médio no regular e na modalidade EJA, atendendo em torno de 700 alunos, com aproximadamente 70 deles matriculados na EJA. O colégio conta com boa infraestrutura e tem, além das salas de aula e das dependências administrativas, sala multimídia, biblioteca, auditório, refeitório, laboratório de ciências e laboratório de informática.

A maioria dos estudantes da EJA dessa instituição é de jovens e negros. O aluno da EJA é da classe trabalhadora e, em muitos casos, chega a trabalhar mais de quarenta horas por semana, ganhando, em média, um salário-mínimo. A excessiva carga horária de trabalho causa grande impacto na disponibilidade de tempo para

estudar fora do horário escolar. Esses alunos, em sua maioria, abandonaram o colégio para ajudar a família, e, geralmente, seus pais também não concluíram o ensino fundamental, demonstrando a recorrência da situação.

3 | FORMAÇÃO DOCENTE: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES NA EJA

Os dados acima foram obtidos através do levantamento do Perfil dos Educandos, uma das nossas ações, que consistiu na elaboração de um questionário com 61 questões, divididas em quatro blocos: dados pessoais; trabalho; escola; e lazer e cultura. Utilizado semestralmente para entrevistar os discentes, foi um dos instrumentos que nos permitiu ir além do conhecimento do aluno empírico, possibilitando-nos conhecer o aluno concreto da EJA.

Levar em consideração o perfil dos educandos e entender o lugar que o trabalho ocupa na vida deles é fundamental para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. É compreender que cada um já traz consigo os mais diversos conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida e prática produtiva, mas que, por vezes, são desconsiderados quando o princípio educativo do trabalho é negado.

Para que a educação seja um instrumento do processo de humanização, o trabalho deve aparecer em sua forma mais ampla (como princípio educativo) em uma educação mais completa, em todas as suas dimensões (formação humana omnilateral), e não como simples operacionalidade, sob a forma de resposta às necessidades de treinamento e adaptação dos homens para o mercado de trabalho.

Convém, pois, destacar a dupla natureza do trabalho: na generalidade, por seu caráter ontológico, de capacidade de produzir para satisfazer suas necessidades, e na particularidade, por sua especificidade histórica, cuja prática econômica é definida pelo modo de produção. Ambas são essenciais para que o trabalhador se reconheça como sujeito capaz de lutar contra sua própria alienação e exploração e, assim, por sua transformação social.

Nesse sentido, ações pedagógicas na EJA exigem que sua organização curricular tenha como referência o trabalho, tanto na perspectiva deste como categoria central do currículo quanto na defesa de que o processo educativo não pode se subordinar às demandas do processo produtivo e do mercado de trabalho. Desse modo, a relação entre processo de trabalho e de produção do conhecimento deve se realizar de maneira muito mais ampla do que uma formação apenas funcional ao mercado de trabalho, formal ou informal.

A ausência da perspectiva acima mencionada nas análises sobre a EJA, pautada no enfrentamento das determinações estruturais que cindem a sociedade de classes em interesses antagônicos, parece ter contribuído significativamente para a reiteração da mesma lógica de subalternidade nas concepções e nas práticas para a área.

A educação, na perspectiva conformadora à ordem, toma a realidade social como algo dado, sem questionamentos sobre as contradições – que, por meio das relações sociais, produzem a realidade – e, como consequência, materializa propostas pedagógicas adaptativas, não delineadas para soluções estruturais, mas por meio da naturalização das desigualdades sociais.

Procurando superar esse quadro, o levantamento do perfil dos educandos da EJA foi uma ferramenta que visou auxiliar os professores e a direção do colégio na busca do desenvolvimento de uma metodologia que considerasse o estudante em sua integralidade de ser humano e ser social e em sua especificidade de aluno trabalhador.

Realizadas as entrevistas, as respostas eram tabuladas a fim de produzir gráficos sobre as principais delas e, assim, conhecer o perfil do estudante da EJA no CEGUIB. Informações como faixa etária dos discentes, remuneração média, carga horária de trabalho, tempo de que poderiam dispor para estudar, o que conheciam e pensavam sobre o colégio, entre outras, passaram a ser conhecidas pelos professores e pela direção, podendo vir a contribuir para o Projeto Político Pedagógico da instituição de ensino.

Os dados do Perfil dos Educandos foram apresentados ao conselho de classe e discutidos com os docentes e a equipe pedagógica. No semestre seguinte, a apresentação incluiu os discentes, articulando as discussões sobre condições de vida e necessidades da classe trabalhadora. Para potencializar a divulgação e o debate entre o perfil e os próprios estudantes, foi elaborada uma Produção Audiovisual, para registrar, através de um curta-metragem, os resultados desse perfil, permitindo aos estudantes contar as suas histórias.

Foram realizadas oficinas de filmagem em parceria com o Observatório Jovem da UFF: um momento significativo de aprendizagem para os bolsistas, futuros professores. Concluídas as entrevistas, passamos ao processo de edição. E o resultado do curta-metragem foi apresentado ao colégio em uma confraternização realizada pela equipe PIBID, bem como os dados do Perfil, fotos das atividades desenvolvidas ao longo do ano com a turma, o catálogo de livros preparado durante a ação Sala de Leitura e a fala de uma aluna envolvida na ação direcionada ao ENEM.

Se o Perfil nos permite conhecer os estudantes, outras ações também incentivam a ampliação da visão de mundo desses estudantes, ao discutir as inter-relações entre diversidade cultural e desigualdade social. Entre elas, a ação desenvolvida pela Sala de Leitura, que muito contribuiu para ampliar a compreensão que o discente tem do social, de si mesmo e do outro, servindo de apoio para romper com os paradigmas da colonialidade (CASTRO-GOMÉZ, 2005), ao aproximar estudantes da EJA da sala de leitura do CEGUIB. Esta, dotada de um acervo de mais de 8 mil títulos, dos quais eram selecionados entre 10 e 15 literaturas relacionadas aos conteúdos do Planejamento Coletivo e apresentadas à classe para serem discutidas e/ou emprestadas.

Produto dessa ação foi a confecção do catálogo com uma análise de livros voltados para a EJA, a fim de facilitar sua utilização por estudantes e professores e

de ampliar o número de empréstimos. Tal compilação manteve seus alicerces nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos – Parecer 11/2000 (BRASIL, 2000a); na lei que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena” – lei nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008); e no projeto elaborado em conjunto com vários professores do colégio, denominado *Oficina de Leitura Literária na EJA: uma janela para o mundo*.

O intento dessa oficina foi propiciar situações de ensino e aprendizagem que aprimorassem a leitura e a produção de textos, orais e escritos, desenvolvessem o pensamento crítico e colaborassem com a leitura de mundo dos alunos da EJA/Ensino Médio. Em nosso trabalho interdisciplinar, compreendemos a leitura como uma prática social e a elegemos como eixo central, considerando, principalmente, o potencial dos textos literários para tornar o mundo mais compreensível para os alunos.

Assim, o foco central foi contribuir para a formação dos alunos da EJA através de um trabalho com a leitura como forma de dar significado a ela na sala de aula e, assim, contribuir para a formação de sujeitos leitores. No dia a dia, nossa atuação incentivou a criação de textos e a ampliação da leitura em sala de aula e nas várias atividades desenvolvidas. Dentre elas, destacam-se: a ação sobre o ENEM, o Mural da EJA e o blog do projeto.

A ação referente ao ENEM intencionou auxiliar os estudantes que tivessem interesse em discutir temas das ciências sociais recorrentes no exame, abordando de forma ampla assuntos importantes nos dias atuais para o entendimento da sociedade e reforçando o conteúdo apreendido em sala de aula, ajudando, assim, os que fariam o ENEM. Foram utilizadas questões de provas antigas com especificidade disciplinar e interdisciplinar (de história e geografia) devidamente articuladas, buscando romper com a fragmentação conteudista e desenvolver uma leitura crítica e contextualizada das questões.

O Mural da EJA, ou seja, um mural construído especificamente para informações que pudessem interessar mais diretamente aos jovens, adultos e idosos da EJA, embora seja uma ação simples, contribuiu muito para a divulgação de informações sobre autores e obras lidos em sala, bem como sobre temas como saúde, emprego, além de notícias sobre educação, cultura e lazer, principalmente as que fossem gratuitas ou a preços populares. Desse modo, o Mural da EJA funcionou como um jornal na parede, estimulando o hábito da leitura em todas as turmas de EJA do colégio.

O blog teve por finalidade a difusão de informações, porém, de maneira mais complexa e com a possibilidade de preservar todos os dados e, assim, ter o registro do processo. Além de divulgar o projeto e informações de interesse do estudante, servindo como apoio para eles, acabou sendo uma ferramenta de pesquisa pedagógica, auxiliando os professores na partilha do esforço de refletir sobre os processos sociais, dialogando interdisciplinarmente com a realidade social.

O conjunto dessas atividades complementou o trabalho desenvolvido em sala de

aula e contribuiu, de uma maneira geral, para que os trabalhadores que estudam no ensino médio pudessem ler, produzir textos, refletir sobre o que escrevem, ampliar o vocabulário e seu repertório cultural, refletir sobre questões sociais e sobre a própria sociedade.

No que se refere à sala de aula, iniciamos o trabalho discutindo o que significa a interdisciplinaridade e a centralidade do trabalho na vida do homem, além de explicar sobre o projeto e sobre o desejo de um trabalho conjunto entre universidade e professores da rede pública que atuam na EJA. As aulas eram concebidas e desenvolvidas a partir do planejamento coletivo, feito em nossas reuniões semanais e que, além de contribuir para o aperfeiçoamento da formação docente inicial dos licenciandos, visava à formação continuada dos professores regentes, através de debates de textos articulando teoria e prática.

Com o intuito de assegurar um trabalho coletivo, participamos das aulas às segundas-feiras e quartas-feiras, no turno da noite. As disciplinas História e Geografia foram oferecidas nos mesmos dias, para que, na segunda-feira, tivéssemos quatro aulas dadas em dupla e, na quarta, duas aulas de cada disciplina dadas separadamente. Planejávamos, primeiramente, o que seria compartilhado no semestre, através de um plano de unidade, e, depois, as aulas, diária e interdisciplinarmente, sem deixar que as matérias ficassem esvaziadas de seus conteúdos.

Através do plano de unidade, os conhecimentos e experiências dos estudantes participam do processo educativo e, passo a passo, ganham outras dimensões, possibilitando-lhes uma nova compreensão e uma nova atitude diante da realidade. Reconhecer os educandos como indivíduos que trazem consigo diferentes saberes é muito importante para a elaboração de um planejamento próprio e diversificado que auxilie o processo de ensino-aprendizagem.

As atividades propostas visavam a não infantilização do aluno, reconhecendo-o como agente do próprio processo de educação, como sujeito capaz de superar estruturas excludentes através do seu autorreconhecimento como ser social, de produzir a sua própria existência e, conseqüentemente, de desenvolver conhecimentos sobre a sua prática, e por meio do conhecimento da realidade política, econômica e social de nossa sociedade. Entretanto, para o desenvolvimento dessa formação crítica é preciso superar as estruturas de uma pedagogia alienada, que impõe ao aluno um lugar de passividade.

Indubitavelmente, o conhecimento crítico não se desenvolve quando os professores “ministram ou inculcam um conhecimento que seria a expressão da verdade objetiva” (FAZENDA, 2011, p. 33). Certo é, também, que todo conhecimento surge a partir do trabalho humano no conjunto de atividades que se realiza, em diferentes níveis, e se expande a partir de problematizações, reflexões e reformulações, retornando à ação social. Assim, percebemos o trabalho interdisciplinar como um esforço de modificar o quadro de fragmentação do conhecimento imposto por uma sociedade e um tipo de educação que o isolam e o compartimentam.

Com isso, nossas aulas foram construídas de forma a dialogar com a experiência e a visão de mundo do estudante da EJA e a discutir, de maneira ampla, com base em questões conceituais próprias das Ciências Sociais, as inter-relações – por exemplo, entre educação, diversidade e cultura –, oferecendo subsídios para a desconstrução de visões etnocêntricas e reafirmando a busca de diálogos com outras culturas.

Em suma, conteúdos como diversidade cultural e desigualdade social e interculturalidade e educação, centrais nas ciências humanas, foram trabalhados por professores de história e geografia através de aulas em duplas, acompanhados dos licenciandos, mediante um processo coletivo e interdisciplinar de organização e com aulas inspiradas na pedagogia histórico-crítica quanto ao processo de construção do conhecimento.

Tudo isso com o uso de recursos diversos, como filmes, leituras variadas, *slides*, visitas, debates etc., a fim de incentivar a desconstrução de preconceitos, a valorização e o respeito ao que é diferente, a elaboração coletiva e individual do conhecimento, o desenvolvimento da leitura literária e de mundo, a produção de cartazes e textos, a pesquisa dentro e fora da biblioteca escolar e a reflexão sobre a educação e sua própria realidade social.

3.1 Considerações sobre a realidade enfrentada e suas possibilidades

Além da formação discente, o trabalho coletivo nos permitiu desenvolver uma formação docente que se realizou desde o momento do contato com a educação escolar e suas problemáticas. Entende-se que essa formação deve compreender a vivência do ambiente escolar, o conhecimento das dificuldades e dos desafios da educação brasileira como um todo ou em escala.

Este é um ponto importante do projeto: a possibilidade de reconhecimento da educação pública, que, através de experiências reais e do exame das dificuldades encontradas, é desafiada a desenvolver coletivamente a sua prática, compreendendo o conhecimento sistematizado como expressão de necessidades sociais históricas e percebendo-o como resultado da nossa capacidade de desvelar o maior número possível de aspectos do cotidiano.

Dentre as inúmeras dificuldades, a lógica mercantilista e meritocrática das medidas implementadas pela SEEDUC-RJ acentuou, nos últimos anos, a já difícil situação dos professores com baixos salários, desvalorização profissional e más condições de trabalho. A política economicista adotada, comprometida com o mercado e seus ideais de empregabilidade, intensifica a precarização da educação pública estadual.

A SEEDUC/RJ elege um currículo fragmentado e mínimo para cada nível e modalidade. Nesse cenário, realizar um trabalho coletivo e interdisciplinar é muito difícil, já que toda a organização do tempo e do espaço tende a favorecer o isolamento docente e a divisão do trabalho na escola. Presenciamos, na rede estadual fluminense, um sistema de gestão regido por ações padronizadas, com foco em resultados e metas de produtividade: uma pedagogia de caráter neotecnicista, conforme Saviani (2008).

Em um contexto de crise econômica, a educação é um dos setores mais afetados por cortes de gastos do governo, reduções no quadro de funcionários terceirizados, atrasos e parcelamento de vencimentos dos docentes e da equipe administrativa. Os impasses encontrados no sistema estadual de educação referem-se às baixas remunerações salariais e até ao sucateamento dos equipamentos necessários para o funcionamento das escolas. Os docentes se veem obrigados a ampliar a jornada de trabalho, atuando em vários turnos e escolas, e em projetos externos remunerados, comprometendo sua autonomia, pois, em geral, são induzidos a lidar com materiais prescritivos.

Tais problemas podem ser contextualizados dentro de uma política de desvalorização do ensino público e do trabalho docente. A falta de tempo para planejamentos coletivos é um problema grave. Outra consequência da política de desvalorização e burocratização é a não distribuição para todos os alunos da NEJA dos mais básicos recursos educacionais, como livros didáticos, bem como a não disponibilidade de recursos eletrônicos ou mesmo de fotocópias.

Cabe ainda destacar que, para o desenvolvimento pleno das finalidades didático-pedagógicas desse trabalho, é necessário que os acordos com a instituição de ensino sejam mantidos. Entretanto, existe dificuldade em alocar os professores responsáveis pela supervisão dos bolsistas nos horários sequenciais preestabelecidos. A mudança de horário sem aviso prévio acaba por prejudicar a efetivação do planejamento coletivo inicial que, devido ao novo quadro de horários, é repensado e adequado. O que, por vezes, limita o potencial de formação conjunta e interdisciplinar anteriormente almejado.

Vale salientar que nosso propósito, aqui, é contribuir para o debate sobre o reconhecimento do estudante da EJA como trabalhador, produtor de saberes, ser social e, portanto, agente transformador e ser integral, que interage com o mundo de forma interdisciplinar e não fragmentada – sempre levando em conta nosso objetivo, que é partir da experiência pessoal e obter uma compreensão da realidade à luz do pensamento materialista-histórico.

Apesar das dificuldades, nosso trabalho coletivo e sua intencionalidade mostraram uma alteração no ponto de chegada da prática educativa, pois professores e estudantes da EJA avaliaram ter havido ganhos significativos de aprendizagem e ter sido uma experiência rica de potencialidades para educandos e educadores, como sinaliza a pedagogia histórico-crítica.

A fundamentação teórico-metodológica adotada pelo projeto deixa clara a direção educacional que abraçamos em nossas ações. E a pedagogia histórico-crítica é uma espécie de “bússola” que permeia a prática em sala de aula. Planejar o conteúdo ensinado seguindo as prerrogativas dessa corrente pedagógica exige comprometimento de todo o grupo.

A cada final de semestre, revisitamos o planejamento e, respeitando a autonomia docente, reformulamos o documento de acordo com o perfil da turma e

suas expectativas. A liberdade em propor atividades, intervir em sala de aula e realizar críticas foi um diferencial conquistado ao longo do trabalho. Cada integrante é parte fundamental de todo o processo educativo e isso possibilita uma formação inicial e continuada aos professores – com ganhos individuais e coletivos –, alicerçada em uma concepção crítica de educação.

As ações desenvolvidas na EJA receberam o incentivo do colégio, e a integração entre bolsistas e funcionários, principalmente da biblioteca, assumiu papel de destaque para o desenvolvimento da Sala de Leitura. O curta-metragem é exemplo dessa relação de parceria: a participação da comunidade escolar nas gravações e as entrevistas com professores, funcionários, direção e alunos foram fundamentais para o sucesso do curta. O apoio na sua propagação foi de extrema importância, pois ele acabou se tornando um grande evento acolhido pela instituição e pelos familiares dos alunos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por finalidade sistematizar a experiência do projeto Interdisciplinar “Formação de Docentes para a Educação de Jovens e Adultos”, desenvolvido no âmbito do PIBID/CAPES/UFF. Suas atividades estiveram estruturadas em conceitos e ações visando articular, simultaneamente, as formações docente e discente numa compreensão crítica da realidade educacional e político-social, em que prática e teoria estiveram conciliadas.

Do ponto de vista da repercussão dessa experiência no espaço escolar e na formação propriamente discente, foi possível ao educando enxergar-se como parte do processo pedagógico e reconstruir noções e conhecimentos primários, alcançando uma visão mais elaborada através da contextualização e da historicização daquilo que levavam para a prática educativa.

Considerando que o conhecimento acumulado está em constante modificação, cabendo a cada um repensá-lo, transformá-lo, propor uma ação pedagógica interdisciplinar baseada no trabalho como princípio educativo é oferecer aos estudantes as bases para a construção do “ser-sujeito” (GONÇALVES; ALBERTINI, 1998), que, ao entender os diferentes mecanismos que interferem, modificam e controlam a sua prática, passa a dotá-la de sentido e direção, visando à superação de uma realidade social de exploração.

Quanto à formação docente, o texto expressou a importância de associar teoria e prática de maneira coerente, e de ultrapassar as barreiras de uma educação tradicional e intencionalmente sucateada. Nesse sentido, as ações do projeto e as leituras e os planejamentos articulados a elas possibilitaram uma preparação para o exercício docente, sobretudo na EJA.

Redescobrir o ambiente escolar e vivenciar as dificuldades geradas por uma política de educação que privilegia metas quantificáveis e não a qualidade do ensino conscientiza e motiva o licenciando a uma atuação empenhada na construção de

um novo cenário, que passa pela ação política e também por um comprometimento perscrutador.

Além da articulação entre teoria e prática e da vivência do fazer pedagógico, compreende-se como elemento formativo para a EJA a elaboração coletiva e interdisciplinar do conhecimento. Planejar conjuntamente as atividades desenvolvidas com os estudantes, os conceitos e as problematizações necessários, os recursos a serem utilizados e as finalidades previstas não é tarefa fácil, mas primordial para a superação da fragmentação e da desarticulação do conhecimento observadas no ensino básico.

Nessa experiência – em que licenciandos e professores estudaram e aprofundaram seus conhecimentos e práticas pedagógicas –, as reuniões semanais foram o espaço reservado à reflexão e ao planejamento coletivo. Entretanto, só foi possível concretizar essa formação para a atuação na EJA a partir do conhecimento da realidade da educação brasileira, da Educação de Jovens e Adultos em especial, e do estudante dessa modalidade.

Assim, a proposta de formação de professores para a EJA esteve vinculada a uma perspectiva interdisciplinar e histórico-crítica para se pensar caminhos. Impõe-se, em suma, refletir sobre a EJA, “suas particularidades e infinitas potencialidades, bem como os desafios que coloca a todos nós quando evidencia ser fundamental, para seu êxito, o compromisso com a classe trabalhadora” (VENTURA; RUMMERT, 2015, p. 121).

Ao registrar e refletir sobre essa experiência de formação docente, pretendemos contribuir para o desenvolvimento da EJA como direito a uma modalidade de ensino que efetivamente cumpra a função reparadora. E também para a construção de uma nova identidade para a EJA, colaborando para a necessária mudança nas concepções político-pedagógicas que têm fundamentado a EJA nas escolas e na universidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília: Presidência da República, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 27 mar. 2019.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 11, de 10 de maio de 2000**. Brasília: MEC, CNE, CEB, 2000a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB11_2000.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2019.

CASTRO-GÓMEZ, S. Ciências Sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

CIAVATTA, M. A interdisciplinaridade e a formação integrada: exercício teórico ou realidade possível? In: _____. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da educação profissional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

DI PIERRO, M. C. Balanço e perspectivas da pesquisa sobre formação de educadores/as de jovens e adultos. In: OLIVEIRA, E. F. *et al.* (Org.). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE

EDUCADORES DE EJA, III., 2010, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: SNF, 2010.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro efetividade ou ideologia**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2002.

GASPARIN, J. L.; PETENUCCI, M. C. **Pedagogia histórico -crítica: da teoria à prática no contexto escolar**, 1984. p. 1-16. Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

GONÇALVES, F. dos S.; ALBERTINI, R. Interdisciplinaridade centrada no trabalho como princípio educativo. **Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, n. 3, jan./jul. 1998.

MARX, K. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. v. I.

MENDONÇA, S. R. de. **A atualidade – quase sempre omitida – do marxismo: reflexões sobre história e interdisciplinaridade**. Niterói: Trabalho Necessário, 2004.

SAVIANI, D. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETI, C. J. *et al.* (Org.). **Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Editores Associados, 1997.

_____. **A pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas: Autores Associados, 2008.

VENTURA, J. A trajetória histórica da educação de jovens e adultos trabalhadores. In: CIAVATTA, M.; TIRIBA, L. (Org.). **Trabalho e Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: UFF, 2011. p. 57-97.

VENTURA, J.; BOMFIM, I. Formação de professores e Educação de Jovens e Adultos: o formal e o real nas licenciaturas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 211-227, abr./jun. 2015.

VENTURA, J.; RUMMERT, S. Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores; velhos “novos desafios” na política e na formação docente. In: _____. (Org.). **Trabalho e educação: análises críticas sobre a Escola Básica**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 103-124.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira: Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-456-6

